

Resenha do artigo intitulado: “O Suicídio: uma análise sistemática do texto de Emile Durkheim”

Review of the article entitled: “Suicide: A Systematic Analysis of Émile Durkheim's Text”

 ARK: 44123/multi.v7i14.1797

Samuel Costa da Silva¹

 <https://orcid.org/0000-0001-6376-7880>

 <http://lattes.cnpq.br/3112932557993212>

UniProcessus – Centro Universitário Processus, DF, Brasil

E-mail: samuel.costa@institutoprocessus.com.br



Resumo

Em 1897, Émile Durkheim escreveu e publicou sua obra clássica *O Suicídio*, originalmente publicada com o título “Le Suicide: Étude de sociologie”. O suicídio sempre foi um problema social, conquanto sua origem sempre se dê a partir de uma iniciativa individual, particular, geralmente isolada. No presente texto, contudo, Emile Durkheim analisa o fenômeno, considerando sua causa o meio social no qual o suicida está inserido. A análise durkheimiana considera o grau de imoralidade do suicídio com outros atos imorais, a unidade psicológica entre o homicídio e fenômeno estudado, além de considerar o antagonismo entre o suicídio e o homicídio. Diante dos tipos de suicídios egoísta, anômico e altruísta, Emile Durkheim apresenta os possíveis meios para detê-los, entre os quais: o espírito de solidariedade e a corporação.

Palavras-chave: suicídio; homicídio; suicídio egoísta; suicídio anomista; suicídio altruísta.

Abstract

In 1897, Émile Durkheim wrote and published his classic work “Le Suicide: Étude de sociologie”. Suicide has always been a social problem, even though it originates from an individual, private, and generally isolated act. In this text, however, Durkheim analyzes the phenomenon by identifying the social environment in which the individual is embedded as the cause. His analysis considers the immorality of suicide in relation to other immoral acts and the psychological link between homicide and the phenomenon under study, while also addressing the antagonism between suicide and homicide. Addressing the types of suicide—egoistic, anomic, and altruistic—Durkheim presents possible ways to prevent them, including the spirit of solidarity and the professional corporation.

¹ Samuel Costa da Silva é docente e pesquisador do Centro Universitário UniProcessus, doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (Brasil).

Keywords: *suicide; homicide; egoistic suicide; anomic suicide; altruistic suicide.*

Introdução

Em 1897, Émile Durkheim escreveu e publicou sua obra clássica *O Suicídio*, originalmente publicada com o título *Le Suicide: Étude de sociologie*. O livro marcou a história da sociologia ao tratar um ato aparentemente individual, tratando-o como um fato social, pois as taxas de suicídio mudam de acordo com as forças da sociedade sobre o indivíduo, como a falta de laços ou regras claras.

O suicídio sempre foi um problema social, conquanto sua origem sempre se dê a partir de uma iniciativa individual, particular, geralmente isolada. Emile Durkheim resolveu analisar esse fenômeno, considerando sua causa o meio social no qual o suicida esteja inserido.

As estatísticas assustam. No mundo, cerca de 2.000 pessoas tiram a própria vida por dia. De acordo com estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 700 mil a 720 mil pessoas morrem por suicídio a cada ano, o que resulta em uma média diária aproximada de 2.000 óbitos globais. (VALENTE, 2020, p.3).

Emile Durkheim distribui sua análise sob vários aspectos. Primeiramente, Durkheim trata do suicídio como um elemento social para em seguida verificar suas relações com outros fenômenos sociais. À medida que o texto avança é possível verificar o grau de imoralidade do suicídio com outros atos imorais, a unidade psicológica entre o homicídio e o suicídio e, por fim, o antagonismo entre o suicídio e o homicídio. Só, então, Durkheim apresenta os tipos de suicídios e considera suas consequências práticas. Diante dos suicídios egoísta, anômico e altruísta, Durkheim apresenta os possíveis meios para detê-los, entre os quais: o espírito de solidariedade e a corporação.

1. O elemento Social do Suicídio

Os estudiosos do tempo de Durkheim pensavam em dois fatores básicos que levavam um indivíduo ao suicídio. Primeiramente, os fatores externos. Para os estudiosos da época, o suicídio era provocado por fatores externos multivariados. Durkheim os chama de “fatos de ordem física” (Durkheim, 2000, 383). Segundo Durkheim, os homens que se matam ora experimentam desgostos familiares, frustrações no local de trabalho, sofrem de miséria ou doenças, ora se condenam por alguma falta moral etc. As circunstâncias externas levam o suicida a levantar a hipótese de tirar sua própria vida e, por fim, concretizar o seu plano de morte.

Em segundo lugar, é preciso considerar também os fatores internos. Para os pesquisadores contemporâneos de Durkheim, os homens se matam também por causa de sua natureza intrínseca, por causa de sua constituição biológica. São os “fatos de ordem biológica”, segundo Durkheim. Segundo os estudiosos de seu tempo, o suicídio depende também de um certo tipo de temperamento do indivíduo. Durkheim, entretanto, não encontrou nenhuma relação entre o neurastênico e a taxa social de suicídios.

Os resultados obtidos por Durkheim, por sua vez, foram completamente diferentes quando deixou de analisar o indivíduo em si, e passou a dar atenção à natureza da própria sociedade. “Tanto quanto eram equivocadas e duvidosas as relações do suicídio com os fatos de ordem biológica e de ordem física, elas são imediatas e constantes com certas condições no meio social.” (DURKHEIM, 2000, p.383). Para ele a taxa social de suicídios só se explica sociologicamente. “É a constituição moral da sociedade que estabelece, a cada instante, o contingente de mortes voluntárias. Existe, portanto, para cada povo, uma força coletiva, de energia determinada, que leva os homens a se matar.” (DURKHEIM, 2000, p.384).

O meio social é constituído essencialmente de idéias, crenças, hábitos e tendências comuns. (DURKHEIM, 2000, p.388). Durkheim defende a tese de que “existe uma tendência coletiva ao suicídio da qual procedem as tendências individuais, e o problema é saber em que ela consiste e como age.” (DURKHEIM, 2000, p.388).

Segundo Durkheim, o suicídio tem “origem na constituição moral dos grupos sociais.” (DURKHEIM, 2000, p.392). “Os indivíduos que compõem uma sociedade mudam de um ano para outro; no entanto, o número de suicidas é o mesmo, enquanto a própria sociedade não muda.” (DURKHEIM, 2000, p.394). “A população de hoje não soube pela de ontem qual é o montante do imposto que ela deve pagar ao suicídio; no entanto, ela pagará exatamente a mesma conta, se as circunstâncias não mudarem.” (DURKHEIM, 2000, p.397). O suicídio, portanto, é um “ato moral” que depende de forças morais exteriores aos indivíduos. São forças morais superiores que imprimem no indivíduo uma inclinação suicidógena.

Há forças morais externas ao indivíduo que o levam ao suicídio. As forças morais coletivas agem sobre o indivíduo. (SANTOS, 1995, 216). “Uma vez que o punhado de pessoas que se matam a cada ano não formam um grupo natural, uma vez que elas não estão em comunicação umas com as outras, o número constante de suicídios só pode ser devido a ação de uma causa que domina os indivíduos e sobrevive a eles.” (SANTOS, 1995, p.403).

A opinião pública muda o indivíduo. A consciência coletiva muda a consciência individual. “A opinião pública fala por nossa boca; agimos sob a pressão da coletividade, não como indivíduos.” (DURKHEIM, 2000, p.408).

Na sociedade há duas forças antagônicas que se degladnam entre si. É a força da coletividade e a força da individualidade. Durkheim escreve que “nós mesmo sofremos a pressão que contribuimos para exercer sobre os outros. Duas forças antagônicas estão presentes. Uma provém da coletividade e tenta se apoderar do indivíduo; outra provém do indivíduo e rejeita a anterior. A primeira é, na verdade, bem superior à segunda, pois se deve a uma combinação de todas as forças particulares.” (DURKHEIM, 2000, p.411).

A crença independe do indivíduo. Durkheim labora ainda no sentido de pensar que a crença, de certo modo, independente do indivíduo. Ele diz que “Uma crença ou uma prática social é suscetível de existir independentemente de suas expressões individuais.” (DURKHEIM, 2000, p.412).

Quando consideramos o suicídio em suas manifestações exteriores, somos tentados a vê-lo apenas como uma série de acontecimentos independentes uns dos outros, pois ele se produz em pontos separados, sem uma relação visível entre eles. Mas, a soma formada por todos os casos particulares reunidos tem sua unidade e sua individualidade, uma vez que a taxa social de suicídios é um traço distintivo de cada personalidade coletiva.

O indivíduo, portanto, é o retrato da sociedade na qual ele está inserido. Durkheim diz *que* “a sociedade faz o indivíduo em grande parte”. “Ela o faz, na mesma medida, à sua imagem.” (DURKHEIM, 2000, p.417).

2. As relações do suicídio com os outros fenômenos sociais

Deixando as diferenças de detalhes apresentadas pelas medidas repressivas, adotadas pelos mais variados povos pesquisados por Durkheim, percebe-se que a legislação do suicídio passou por duas fazes principais.

Primeiramente, era proibido ao indivíduo destruir-se por sua própria autoridade, mas o Estado podia autorizá-lo a fazê-lo. O ato só é imoral quando constitui feito integral de indivíduos particulares e órgãos da vida coletiva não colaboraram nele. Em determi-

nadas circunstâncias, a sociedade deixa-se desarmar, de certo modo, e consente em absolver o que em princípio ela reprovava. (DURKHEIM, 2000, p.430).

Em segundo lugar, a condenação era absoluta e sem nenhuma exceção. A faculdade de dispor de uma existência humana salvo quando a morte é o castigo de um crime, é retirada não mais apenas do indivíduo interessado, mas até da sociedade. É um direito, a partir de então, subtraído tanto ao arbítrio coletivo como ao privado. O suicídio é considerado imoral, em si mesmo, por si mesmo, seja quem for que participe dele. Assim, à medida que caminhamos na História, a proibição torna-se cada vez mais radical. (DURKHEIM, 2000, p.430).

Durkheim, portanto, conclui que: 1) Se o suicídio é e merece ser proibido, é porque, ao se matar, o homem se furta a suas obrigações para com a sociedade. Mas, ainda que se pense assim: se fossemos movidos apenas por essa consideração, deveríamos como na Grécia, deixar a sociedade livre para, conforme lhe aprouvesse, erigir uma defesa que só fosse estabelecida em seu proveito. Se lhe recusamos essa faculdade, é porque não consideramos o suicida apenas como um mau pagador da sociedade. (DURKHEIM, 2000, p.431).

Se o suicídio é e merece ser proibido é porque o homem é sagrado. Durkheim conclui que “se essa reprovação (ao suicídio) se tornou tão formal e tão severa nas sociedades cristãs, a causa dessa mudança deve estar, não na noção que esses povos têm do Estado, mas na nova concepção que formaram da pessoa humana. Ela se tornou a seus olhos uma coisa sagrada por excelência, na qual ninguém pode pôr as mãos.” (DURKHEIM, 2000, p.431). Nessas condições, é obrigatório que o suicídio seja classificado entre os atos imorais, pois ele nega, em seu princípio essencial, essa religião da humanidade. (DURKHEIM, 2000, p.437).

3. O grau de imoralidade do suicídio com outros atos imorais

A primeira teoria. Há uma relação regularmente inversa entre o suicídio e os crimes contra a propriedade (roubos qualificados, incêndios, bancarrotas fraudulentas etc.). Essa é a tese de um dos estudiosos da época chamado Lacassagne. A partir de 1854 há uma diminuição dos crimes contra a propriedade, enquanto o suicídio tem um aumento crescente.

A segunda teoria. O suicídio tem uma relação com outros crimes contra a pessoa, mais especificamente, com o homicídio. Essa é a teoria defendida por Guerry e Morselli. Segundo eles, o antagonismo entre o suicídio e o homicídio seria uma lei absolutamente geral.

4. A unidade psicológica entre o homicídio e o suicídio

O sexo exerce uma influência semelhante sobre o suicídio e o homicídio. “Na verdade, essa influência do sexo é muito mais um efeito de causas sociais do que de causas orgânicas. Não é porque a mulher difere fisiologicamente do homem que ela se mata menos, ou mata menos; é porque não participa da mesma maneira da vida coletiva.” (DURKHEIM, 2000, p.443).

Outra questão a ser considerada é a idade, pois, segundo Durkheim, exerce uma influência semelhante sobre o suicídio e o homicídio. Enquanto o suicídio aumenta regularmente até a velhice, o homicídio doloso e o homicídio premeditado chegam ao seu apogeu já na maturidade, por volta dos 30 ou 35 anos, para decrescer em seguida. (DURKHEIM, 2000, p.444).

Por fim, a temperatura ambiental é outro fator que exerce uma influência sobre o suicídio. Durkheim combate a tese de que há uma semelhança de influência da temperatura sobre os homicídios e os suicídios. Enquanto as taxas do suicídio sobem numa curva

regular e crescente até junho, para depois decrescer regularmente até novembro, a taxa de homicídios é completamente irregular.

Depois de argumentar sobre esses três fatores que poderiam exercer uma influência sobre o suicídio, Durkheim passa a trabalhar no sentido de desfazer a hipótese de que suicidas são homicidas destituídos do poder de matar outros. Segundo ele, “se a propensão ao suicídio fosse apenas uma propensão ao homicídio recalcada, deveríamos ver os homicidas e assassinos, uma vez que são presos e seus instintos violentos já não podem se manifestar para fora, tornar-se vítimas. A tendência homicida deveria, portanto, sob influência da prisão, transformar-se em tendência ao suicídio.” (DURKHEIM, 2000, p.447).

5. O antagonismo entre o suicídio e o homicídio

De um modo geral, em alguns períodos as taxas de suicídios e homicídios se contrastam. As estatísticas provam isso. Se há países que acumulam suicídio e homicídio, é sempre em proporções desiguais; nunca essas duas manifestações atingem o máximo de intensidade no mesmo ponto.

Os tempos de guerras influenciam as taxas de homicídios e suicídios. Durkheim utiliza dois exemplos para confirmar sua hipótese: A França e a Prússia.

O suicídio pôde ser visto ainda como sendo mais urbano do que rural. As taxas revelaram a Durkheim que ocorre o contrário com o homicídio. (DURKHEIM, 2000, p.459). No campo rural há mais homicídios que suicídios.

O fator religião também foi levando em consideração por Durkheim. Segundo suas pesquisas, o catolicismo diminuiu a tendência ao suicídio, ao passo que o protestantismo a aumenta. (DURKHEIM, 2000, p.459). Inversamente, os homicídios são muito mais freqüentes nos países católicos do que entre povos protestantes.

A família também foi considerada como um fator preponderante para a variação das taxas de suicídio. “Enquanto a vida de família tem uma ação moderada sobre o suicídio, ela antes estimula o homicídio.” (DURKHEIM, 2000, p.461).

6. Os tipos de suicídios

Durkheim propõe a tese de que há “espécies diferentes de suicídios” (DURKHEIM, 2000, p.462). Alguns suicídios têm um certo parentesco com homicídios, outros suicídios são adversos ao homicídio. O questionamento principal é o seguinte: “O suicídio que varia com o homicídio e o que varia em sentido inverso não podem ser de mesma natureza.” (DURKHEIM, 2000, p.462). Esses tipos de suicídios são os seguintes:

O suicídio egoísta. Esse tipo de suicídio é o mais “difundido e o que mais contribui para aumentar o número anual de mortes voluntárias.” (DURKHEIM, 2000, p.463). O que caracteriza esse tipo de suicídio “é um estado de depressão e apatia produzido por uma individuação exagerada.” (DURKHEIM, 2000, p.463).

O suicídio altruísta. O suicídio altruísta, por sua vez, e o homicídio podem caminhar paralelamente, pois, dependem de condições sociais semelhantes, que só diferem em grau. (DURKHEIM, 2000, p.464). Esse é o suicídio da viúva indiana, que aceita ser colocada viva na fogueira que deve queimar o corpo do marido morto. É o suicídio heróico, que ocorre com grande freqüência em tempos de guerra, pelos soldados que voluntariamente dão as suas vidas para salvar outras.

O suicídio anômico. O suicídio anômico é o suicídio que surge em tempo de anomia. “A anomia faz surgir um estado de exasperação e de lassidão irritada que pode, conforme as circunstâncias, voltar-se contra o próprio sujeito ou contra o outro; no primeiro caso há o suicídio, no segundo, o homicídio.” (DURKHEIM, 2000, p.465). Esse suicídio

surge em tempos de crise, mas surpreendentemente, também em tempos de prosperidade. Por isso a sua anomia.

7. Conseqüências práticas

O suicídio deve ser considerado normal. Apesar de estarmos habituados a considerar anormal tudo o que é imoral, é preciso ver o suicídio como um “fenômeno de patologia social”. “O suicídio é um elemento da constituição normal de uma sociedade.” (DURKHEIM, 2000, p.474).

O suicídio pode ser classificado a partir de três fatores sociais. O espírito de renúncia, o amor pelo progresso, o individualismo. Todos esses fatores podem ser geradores de suicídios, desde que mantidos numa certa medida variável conforme os povos.

Assim, o suicídio é mais intenso nas regiões civilizadas. Foi nas regiões de maior cultura que o suicídio mais se difundiu como a Prússia, França, Áustria alemã, Saxônia, Bélgica, Suécia, Dinamarca e Itália. (DURKHEIM, 2000, p.479). Porém, o suicídio não se deve à “natureza intrínseca do progresso”, mas às “condições particulares em que ele se efetua nos dias de hoje”. (DURKHEIM, 2000, p.481). Para Durkheim, os civilizados se matam mais que os não civilizados. Por isso é mais intensa a taxa de suicídios nos campos urbanos do que nos campos rurais. Em outras palavras, os desenvolvidos se matam mais que os menos desenvolvidos.

8. Meios para deter o suicídio

Penas morais para o suicídio que é imoral. Por ser imoral é preciso penas severas para coibi-lo. Diz Durkheim que “Uma vez que [o suicídio] ofende a moral, deve ser repellido com maior energia e precisão, e essa reprovação deveria exprimir-se por sinais exteriores e definidos, ou seja, por penas.” (DURKHEIM, 2000, p.484). Mas, essa severidade penal é impossível de ser tolerada à consciência coletiva, pois o suicídio é “parente próximo de verdadeiras virtudes, das quais ele é a simples exacerbação” (DURKHEIM, 2000, p.484). Essas virtudes sociais são: espírito de renúncia, o amor pelo progresso, gosto pela individualização.

Penas legais para o suicídio são de difícil concretização na sociedade. Não se combate o suicídio por meio de disposições legislativas. As disposições legislativas não despertarão nossa sensibilidade moral.

A educação não contém a corrente suicidógena de uma sociedade. Tanto Morselli, quanto Franck defendiam a tese de que a educação de um povo tiraria dele aqueles que tivessem uma propensão ao suicídio. Para estes, a educação tinha o poder de agir sobre o caráter do indivíduo. Durkheim assegura, entretanto, que essa tese, (de que a educação faz cessar as causas para o suicídio) não tem respaldo sociológico. Segundo ele, pensar assim, “é atribuir à educação um poder que ela não tem, porque a educação é apenas a imagem e o reflexo da sociedade.” (DURKHEIM, 2000, p.487).

9. O espírito de solidariedade

Combate-se o suicídio egoísta e o suicídio anômico com espírito de solidariedade. Por essa razão, é preciso cultivar na sociedade o espírito de solidariedade para que os suicídios diminuam. (DURKHEIM, 2000, p.488). Mas, surge a pergunta: Como cultivar na sociedade o espírito de solidariedade?

Sentimento Pátrio. O sentimento pátrio faz com que o indivíduo se sinta solidário e, conseqüentemente, menos susceptível ao suicídio. Mas, esse sentimento tem uma grande deficiência. Ele floresce apenas em tempos de grande crise nacional ou política. Em tempos de guerra, por exemplo. É um sentimento intermitente.

Religião. A religião só preserva o indivíduo do suicídio quando ela o prende fortemente em seus dogmas. Por isso, ela é imprópria para conter a corrente suicidógena em uma sociedade. Somente uma religião altamente dogmática pode conter, em certa medida, a corrente suicidógena. “A religião, portanto, só modera a propensão ao suicídio na medida em que impede o homem de pensar livremente.” (DURKHEIM, 2000, p.490).

Família. A família também possui uma virtude profilática, mas, segundo Durkheim, “seria ilusão acreditar que bastaria diminuir o número de solteiros para, de igual modo, diminuir o número de suicídios.” (DURKHEIM, 2000, p.492). O fato de estar casado não elimina a possibilidade de suicídio no indivíduo. “Isso acontece porque produziram-se na constituição da família mudanças que já não lhe permitem ter a mesma influência preservadora de outrora.” (DURKHEIM, 2000, p.493).

10. A Corporação

Além da Pátria, Religião e Família, há ainda o Grupo profissional, ou Corporação. A Corporação é uma sociedade que tem uma atuação mais efetiva sobre o indivíduo, por duas razões: 1) Na Corporação (grupo profissional) há um terreno propício à formação de idéias e de sentimentos sociais, porque é composta de indivíduos que se dedicam aos mesmos trabalhos e possuem interesses solidários, ou até idênticos. 2) A Corporação existe em todos os tempos, em todos os lugares e age sobre os indivíduos na maior parte de sua existência.

Mas, para Durkheim a Corporação ainda é falha quando se trata de exercer um poder moral sobre o indivíduo. Segundo ele, os grupos profissionais são “formados por indivíduos sem nenhuma ligação uns com os outros, que só têm entre si relações superficiais e intermitentes, que até se dispõem a se tratar mais como rivais e inimigos do que como cooperadores.” (DURKHEIM, 2000, p.498). É preciso trabalhar essa deficiência.

Contudo, quando as relações entre os indivíduos [se tornarem] estreitas e contínuas, quando [houver] um sentimento de empatia entre os componentes da Corporação, [nascerá] sentimentos de solidariedade no grupo, essencial para combater o suicídio.

Conclusão

Resumindo, Durkheim defende que o suicídio não é decorrente das dificuldades que o homem possa ter. Portanto, para deter o avanço do suicídio não basta tornar essa luta pela existência menos dura e a vida mais fácil. Se hoje as pessoas se matam mais do que no passado, não é porque têm de lutar mais pela existência, nem porque suas necessidades legítimas estão sendo menos satisfeitas. Antes, as pessoas hoje se matam mais “porque já não sabemos até onde vão as necessidades legítimas e não percebemos mais o sentido de nossos esforços.” (DURKHEIM, 2000, p.506).

A chave para deter o avanço do suicídio nas sociedades, portanto, segundo Durkheim, é por meio da sociedade corporativa, é por meio do grupo profissional. Concluindo, Durkheim escreve: “Os avanços anormais do suicídio e o mal-estar geral que atinge as sociedades contemporâneas derivam das mesmas causas. Esse número excepcionalmente elevado de mortes voluntárias prova o estado de perturbação profunda de que sofrem as sociedades civilizadas, e atesta sua gravidade.” (DURKHEIM, 2000, p.512).

Referências

- ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BAECHLER, J. **Les Suicides**. Paris: Calman-Lévy, 1975.
- BOUDON, R. & BOURRICAUD F. **Dicionário Crítico de Sociologia**, São Paulo: Editora Ática, 1993.
- CASSORLA, R. M. S. & SMEKE, E. L. M. Autodestruição humana. **Cadernos de Saúde Pública**, 10 (Supl. 1): 61-733. fev. /1994.
- CHESNAIS, J. C. **Histoire de la Violence**. Paris: Pluriel, 1981.
- DIMENSTEIN, G. A epidemia invisível. **Folha de São Paulo**, 29 de março (caderno 3):3. mar. / 1998.
- DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**, São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ESQUIROL, J. E. **Sur la Monomanie Suicide**. Paris: Alcan, 1827.
- LUKES, S. **Émile Durkheim: His Life and Work: a historical and critical study**. England: Penguin Books, 1977.
- MINAYO, M. C. S. A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Vol.14: (Caderno 2) p. 1-9. fev. / 1999.
- NUNES, E. D. O Suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. **Cadernos de Saúde Pública**, Vol. 14, p.7-34. 1998.
- SANTOS, Washington dos. **Dicionário de Sociologia**, Belo Horizonte: Del Rey Editora, 1995.
- VALENTE, Pablo. **Pensando a questão do suicídio ao redor do mundo**. Campinas-SP: CENAT - Centro Educacional Novas Abordagens em Saúde Mental, 2020. Disponível em: <https://blog.cenatcursos.com.br/oms-pensando-a-questao-do-suicidio-ao-redor-do-mundo/> Acesso em: 20/08/26